

ÜBERSETZUNGEN

Italo Vieira

Wer übersetzt, arbeitet in zwei Sprachen. Sein Material – vielmehr: sein Organ – ist neben seiner Muttersprache nicht sowohl der fremde Text als vielmehr dessen Sprache. Aus beiden Sprachen baut er etwas auf und kann gemeinhin schon von Glück sagen, wenn sein Gerüst ein wenig länger als sein Kartenhaus sich halt. Und wie beklommen folgt man der leichten Hand, die Vers auf Vers wie Stockwerk auf Stockwerk türmt, bis oftmals ein geringfügiger Fehler im letzten das Ganze sang- und klanglos zu Fall bringt. Wie willig aber neigt dafür das Ephemere, der Effekt, sich dieser Gattung; er hat im Schrifttum nirgendwo ein höheres Recht als hier. Von neuem sieht man dies an Übertragungen Verlainscher Gedichte bestätigt, die Alfred Wolfenstein¹ soeben veröffentlicht. Es sind sehr geglückte darunter. Bei Verlaine will das viel sagen. Vergebens griffe einer sehr weit aus, um diese Dichtungen ins Deutsche einzubringen. Hier liegt die Kunst des Übersetzens in der Entspannung. Wie ein Träumender mit der schwächsten Gebärde, der kaum eben sich regenden Hand, in seiner Nähe langgesuchte Schätze zu greifen glaubt, so greift der deutsche Sprachgeist wirklich nur in seiner nächsten Nähe die Worte, aus denen Verlaines zögernder Stimmfall zurücktönt. Was er in ihnen dichtet, ist deutscher Poesie unnennbar verwandt. Nur wer im allerbeschränktesten Raume die Sicherheit und die Gelassenheit der Geste sich wahrt, kommt zu Glücksfunden wie: Wehmütige Zwiesprache – Weisheit – Sonette VIII – Das Meer ist Schöner – Kasper Hauser singt – Die Abendsuppe. Daß gerade die restlose Übertragung der >> Romances sans paroles << nur in einer lückenlosen Folge geneigtester Stunden gelingen könnte, beweist das berühmte >> Il pleut sur mon Coeur<<, das in deutscher Gestaltung, nicht gerade glücklich, den Band eröffnet. Wenn anderswo unscheinbare Zusätze, wie aus technischer

TRADUÇÕES

Italo Vieira

Quem traduz trabalha em duas línguas. Seu material – ou melhor, seu órgão é – além de sua língua materna, não tanto o texto estrangeiro quanto a língua deste. Com base em ambas as línguas ele constrói algo, e pode se considerar feliz, se sua estrutura se mantém um pouco mais que um castelo de cartas. E como segue-se angustiado a mão ligeira, que empilha, como andar sobre andar, verso sobre verso, até que um erro mínimo no último derruba o todo, sem música nem tom. Porém, como o efêmero, o efeito tende voluntariamente a esse gênero, na literatura, ele não tem, em nenhures, um direito superior que aqui. Vê-se isso, novamente, confirmando-se nas traduções da poesia de Verlaine, publicadas recentemente por Alfred Wolfenstein¹. Muitas entre elas são bem-sucedidas. Em Verlaine isto é bastante significativo. Seria em vão buscar algo longínquo a fim de introduzir esses poemas no alemão. Aqui, a arte da tradução reside na distensão. Como um sonhador com fraquíssimo gesto, com a mão que mal se move, tocar tesouros mais ambicionados em sua proximidade, assim o espírito da língua alemã toca, realmente, apenas na sua maior proximidade, palavra da qual ressoa a cessação vacilante da voz de Verlaine, O que ele cria em seus poemas e inexprimivelmente semelhante à poesia alemã. Apenas quem preserva para si, no mais restrito espaço, a certeza e a serenidade do gesto, chega a hálares descobertas a hálares descobertas como: *Diálogo melancólico – Sabedoria – Soneto VIII – O mar é belo – Kasper Hauser canta – A sopa da tarde*. Que precisamente, a completa tradução dos *Romances sans paroles* somente pôde ser efetuada em uma sequência sem intervalo em horas de dedicação, assim demonstra o célebre *Il pleut sur mon cœur*, que abre o volume, não propriamente feliz, na edição alemã. Se, em outro lugar, incorporações imperceptíveis, tal como um tradutor as contrabandeia a partir de um embaraço técnico, arruinam a estrutura métrica (como uma

Verlegenheit ein Übersetzer sie einschmuggelt, den Versbau (wie die Höllenmaschine einen Palast) verheeren, so ist das ein altes Leidwesen, das sich natürlich auch in diesem Bande hin und wieder bestätigt. Dem ungeachtet bleiben diese ehrfurcht – und liebevollen Übertragungen ein sehr würdiger Anlaß, erneut im Verlaine zu blättern. Man täte es mit ungestörtem Genuß, wenn das Register den Standort der einzelnen Stücke in der großen Messeinschen Ausgabe nachweisen würde.

Gleichzeitig publiziert man eine Übersetzung Rimbauds, des >>Antipoeten>>, wie Wolfenstein diesen berufensten Widersacher der Dichtung kürzlich genannt hat. In diesem Punkte ist sein Übersetzer, Franz von Rexroth², ihm sehr kongenial. Doch warum Ironie, geschweige den Galle, an eine Neuerscheinung verschwenden, welche die literarische Unmündigkeit ihres Autors so entschieden bekundet, daß die Kritik es bestenfalls mit dem Verlag als dessen Vormund zu tun hätte. Der Autor scheint auf Schonung ein Recht zumal in Anbetracht des Fleißes zu haben, der ihn von Rimbaud nicht allein alles, was nicht niet, und nagelfest (will sagen: nicht Prosa) ist, in zierliche Verschen im Sinne der Frida Schanz übertragen hieß, sondern dazu ihm eingab, die Leichtigkeit dieses Unternehmens dadurch zu bekräftigen, daß er gelegentlich in >>fehlerhaften<< Sonetten Rimbauds im Vorbeigehen die obligaten vierfachen Reime nachträgt (*Ma Bohème, Le Mal, Au Cabaret Vert*). Weniger leicht als das Reimen fällt das Französische ihm: >>Si jamais j'ai quelque or<< übersetzt er: >> Wenn mir kein Gold mehr eigen<<. Proben der eigentlich dichterischen Leistung mögen unterbleiben. Wenn eine Einleitung von Dr. R. Dereich am Schlusse längerer ungemein >> einführender<< Darlegungen über Rimbaud bemerkt: >> Die Neuübertragungen Franz von Rexroths sind bei aller architektonischen und dichterischen Strenge erfüllt von einer inneren Musik und in ihrem expressionistischen Faltenwurf verblüffend zeitgemäß<<, so haben wir dem nichts hinzuzufügen als drei Ausrufungszeichen.

máquina infernal arruína um palácio), esse é então um velho lamento, que se confirma naturalmente também aqui e ali nesse volume. No entanto, essas respeitadas e amorosas traduções continuam ainda uma razão muito digna para folhear Verlaine. Poderia fazer-se com prazer imperturbável, se o índice indicasse a posição das partes individuais na grande edição de Messein.

Coetaneamente, publica-se uma tradução de Rimbaud, do “antipoeta”, como Wolfenstein nomeou, recentemente, esse talentosíssimo adversário da poesia. Nesse ponto, seu tradutor Franz von Rexroth², é congenial a ele. Entretanto, por que desperdiçar ironia, para não falar de bÍlis, sobre uma nova publicação, que manifesta tão decisivamente a menoridade literária de seu autor, que, quando muito, a crítica trabalharia com a editora enquanto sua tutora. O autor parece ter um direito de ser preservado especialmente em vista de seu empenho, para o qual nem tudo de Rimbaud que não está bem fixado (Quer dizer: não é prosa), deixa-se traduzir em versinhos delicados no sentido de Frida Schanz, mas, além disso, ele o inseriu, para confirmar a facilidade dessa operação, que, ocasionalmente, ele incorpora, de passagem, as rimas quádruplas obrigatórias nos sonetos “defeituosos” de Rimbaud (*Ma Bohème, Le Mal, Au Cabaret Vert*). Para ele, o francês é mais difícil que rimar: “Si jamais j'ai quelque or”, ele traduz: “Se eu jamais do ouro for capaz”. Exemplos da capacidade poética real podem ser omitidos. Se no prefácio do Dr. R. Dereich em longa conclusão de suas explicitações excepcionalmente “introdutórias” sobre Rimbaud, observa-se: “As novas traduções de Franz von Rexroth, apesar do rigor poético e arquitetônico, estão repletas de uma música interior, e são em seu dobramento expressionista surpreendentemente atuais, então não temos nada para acrescentar que três pontos de exclamação.

¹ VERLAINE, Paul. *Armer Lelian. Gedichte der Schwermut, der Leidenschaft und der Liebe*. Von Alfred Wolfenstein. Berlin: Paul Cassirer, 1925. p. 79.

² RIMBAUD, Arthur. Übertr. Von Franz von Rexroth. Mit einer Einl. von R. Dereich. Wiesbaden: Dioskuren-Verlag, 1925, XIV. p. 109.

¹ VERLAINE, Paul. *Armer Lelian. Poemas sobre melancolia, paixão e amor*. Trad. de Alfred Wolfenstein. Berlin: Paul Cassirer, 1925. p. 79.

² RIMBAUD, Arthur. *Poemas*. Trad. de Franz von Rexroth. Prefácio do Dr. R. Dereich. Wiesbaden: Dioskuren-Verlag, 1925, XIV. p. 109.

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften.** (Org.) Hella Tiedemann-Bartels. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. v. 3. p. 40-41.